



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO DE CARVALHO
DEPARTAMENTO DE LETRAS

TÂNIA MARIA SOUZA DE SANTANA

A ESTÉTICA DA CRUELDADE EM TOMIE: DO MANGÁ AO CINEMA

ITABAIANA-SE

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO DE CARVALHO
DEPARTAMENTO DE LETRAS

TÂNIA MARIA SOUZA DE SANTANA

A ESTÉTICA DA CRUELDADE EM TOMIE: DO MANGÁ AO CINEMA

Monografia apresentada ao curso de licenciatura plena em Letras da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para conclusão do curso e obtenção do grau de licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Jean Paul d'Antony Costa Silva.

O que há de tão precioso em um monstro?

RESUMO

Esta monografia explora as relações entre a obra de Junji Ito *Tomie* (1987) e os conceitos acerca da estética da crueldade, bem como sua relação com as obras do dramaturgo francês Antonin Artaud e os estudos do filósofo Clément Rosset. Primeiramente, examina-se o conceito de crueldade em Artaud, entendendo-o como uma força visceral, destinada a confrontar o público com experiências intensas e provocativas, revelando o inconsciente e a essência humana mais crua e inquietante. A análise prossegue com um estudo comparativo entre a linguagem visual de Ito e os princípios de Artaud, observando como ambos utilizam a deformação e o grotesco para provocar reações instintivas no público e com base nos conceitos analisados o seguinte problema é discutido: como a protagonista Tomie Kawakami personifica a estética da crueldade e seus desdobramentos na obra *Tomie*? O trabalho investiga ainda as adaptações cinematográficas das obras de Ito, destacando como elementos de direção, fotografia e montagem contribuem para traduzir a estética da crueldade e desconforto dos mangás para a linguagem audiovisual. Outras teorias também são colocadas como base para toda essa análise, como *O Princípio de Crueldade* (1989) de Clément Rosset e *Literatura e Cinema* (2017) de Thais Flores Nogueira Diniz.

Palavras-chave: Crueldade; Tomie; Humano; Junji Ito; Adaptação.

ABSTRACT

This monograph explores the relationships between Junji Ito's work *Tomie* (1987) and concepts related to the aesthetics of cruelty, as well as its connection to the works of French playwright Antonin Artaud and the studies of philosopher Clément Rosset. First, it examines Artaud's concept of cruelty, understanding it as a visceral force meant to confront the audience with intense and provocative experiences, revealing the unconscious and the raw, unsettling essence of human nature. The analysis continues with a comparative study between Ito's visual language and Artaud's principles, observing how both employ distortion and the grotesque to provoke instinctive reactions in the audience. Based on these concepts, the following question is discussed: how does the protagonist Tomie Kawakami embody the aesthetics of cruelty and its developments in *Tomie*? The study also investigates the film adaptations of Ito's works, highlighting how elements of direction, cinematography, and editing contribute to translating the aesthetics of cruelty and discomfort from manga into audiovisual language. Other theories are also used as the foundation for this analysis, such as *The Principle of Cruelty* (1989) by Clément Rosset and *Literature and Cinema* (2017) by Thais Flores Nogueira Diniz.

Keywords: Cruelty; Tomie; Human; Junji Ito; Adaptation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
METODOLOGIA.....	09
CAPÍTULO I.....	10
1.1 Concepções de crueldade.....	10
1.2 Junji Ito inserido nesses conceitos.....	14
1.3 Horror, crueldade e pecado.....	21
CAPÍTULO II.....	23
2.1 A tradução intersemiótica.....	23
2.2 Tomie no cinema e na animação.....	29
2.3 Tomie é o desastre de sua própria história.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	49

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa empenha-se em estudar como a obra de Junji Ito *Tomie* (1987), reflete a crueldade humana utilizando mitos e elementos fantasiosos em sua construção e narrativa. Para tal, utilizaremos como base de estudo a personagem principal, que dá nome ao mangá, que é uma das mais icônicas do gênero de horror japonês.

Na obra, a protagonista Tomie é uma personagem complexa, que desafia as convenções de representação feminina no mangá e no anime. Mais do que uma história sobre fantasmas ou seres imortais, o mangá usa do choque e de metáforas hiperbólicas para tratar de situações reais. Dessa forma, ao apelar para o lado obscuro da humanidade, o mangá de Junji Ito traz à tona uma problemática de gênero, visto que o homem se torna uma figura descentralizada da história e transforma o mangá em um reflexo das raízes do machismo na sociedade.

Em síntese, no primeiro conto do mangá de Tomie, ela é morta e esquartejada por seus 42 colegas de classe, incluindo seu professor, com quem teve um relacionamento amoroso que a engravidou. Tomie acaba caindo do penhasco durante uma discussão com um colega e todos decidem se livrar de seu corpo. A personagem retorna no dia seguinte, já não mais a mesma. Tomie se torna uma fonte de obsessão para os homens, que não só morriam por ela, mas também sentiam vontade de matá-la.

Tomie é uma personagem conhecida por sua beleza sobrenatural e poder de sedução, mas também por sua natureza maligna e manipuladora. Sua personalidade reflete a dualidade presente em todos os seres humanos, entre o bem e o mal, a luz e a escuridão. Tomie representa a parte sombria e egoísta de nós mesmos, que muitas vezes é suprimida em nome da civilidade e do convívio social. Ao explorar essa faceta obscura, a personagem nos convida a refletir sobre nossas próprias contradições e a abraçar nossa complexidade como seres humanos.

A pesquisa se edifica em torno do seguinte problema: Como a protagonista Tomie Kawakami personifica a estética da crueldade e seus desdobramentos na obra *Tomie*?

Circundando nosso problema, o leque da problemática se abre nas seguintes questões: Tomie vista como um demônio é a simbologia dos nossos medos? A fome de nossos anseios gera diversas Tomies no decorrer da existência? Horror e crueldade são elementos díspares? A simbologia dos 7 pecados capitais está representada na construção da identidade Tomie?

Em torno dessa problemática, nossa pesquisa tenta provar ou entender algumas hipóteses: Tomie é o desastre da sua própria história. A figura masculina nos contos de Tomie

entra em um ciclo de autodestruição, que o leva a matar os outros, sua musa e a si mesmo. Ela é o monstro e a vítima.

Os questionamentos apresentados serão discutidos usando como fundamentação teórica conceitos de diferentes áreas de conhecimento que englobam a estética da crueldade e cinema em sua maioria: *Literatura e cinema* de Thaís Flores Nogueira (2017), *O Teatro da crueldade* de Antonin Artaud (2006), *O princípio de crueldade* de Clément Rosset (1989).

Ao longo deste trabalho, além da análise do mangá original *Tomie* (1987), de Junji Ito, serão consideradas também adaptações audiovisuais que expandem e reinterpretam a obra a partir de diferentes linguagens estéticas. Entre elas, destacam-se a série *Junji Ito Collection* (2018) e *Junji Ito: Histórias Macabras do Japão* (2023), ambas em formato de anime, que abordam episódios específicos da narrativa de Tomie, mantendo o clima perturbador e surreal característico do autor. No cinema, serão analisados os filmes *Tomie* (1998), *Tomie: Re-birth* (2001) e outros, que oferecem leituras visuais distintas da personagem e sua mitologia, explorando, por meio da linguagem fílmica, os elementos de crueldade, desejo e repetição presentes na obra original. Essas produções servirão como suporte para compreender como a estética da crueldade se adapta e se transforma entre o mangá, o anime e o cinema.

METODOLOGIA

O que se destaca durante a leitura da obra de Junji Ito é que ele não parece ter a intenção de causar medo em seu receptor, mas sim causar algum tipo de descontentamento e repulsa como se quisesse dar vazão aos traços monstruosos da psicologia humana por meio das imagens que escancaram nossas perturbações, que muitas vezes acabam camufladas por nossa capacidade de mascarar a realidade. Esse modo de apontar a barbárie do homem se relaciona com o conceito de “estética da crueldade” de Antonin Artaud que é caracterizada pela busca de uma experiência intensa e visceral no teatro e nas obras em geral, que ultrapassa a simples representação da realidade. Essa estética propõe uma desconstrução dos mecanismos convencionais da encenação visando atingir o espectador de forma direta e provocativa.

Para a realização desta monografia, foi adotada uma abordagem qualitativa e exploratória, combinando análise bibliográfica e estudo comparativo. A análise seguiu para o estudo da obra de Junji Ito, com foco nos mangás da série "Tomie", identificando os elementos visuais e narrativos que dialogam com os princípios do Teatro da Crueldade. Para compreender a transposição da estética de Ito para o cinema, realizou-se uma análise fílmica das adaptações cinematográficas de "Tomie". Foram considerados aspectos como direção, fotografia e montagem, examinando como esses elementos contribuem para traduzir a atmosfera de desconforto e inquietação dos mangás para a linguagem audiovisual.

No primeiro capítulo desta monografia será trabalhado os conceitos de Teatro e princípio da crueldade e tudo aquilo que compõe a estética da crueldade, além de relacionar o autor, Junji Ito, e sua obra Tomie com esses conceitos. No segundo capítulo, a tradução intersemiótica entra em destaque para poder iluminar as comparações entre o mangá e suas adaptações cinematográficas.

CAPÍTULO 1

1.1 CONCEPÇÕES DE CRUELDADE

Antonin Artaud e Clément Rosset, duas figuras proeminentes no universo da filosofia e das artes, oferecem visões profundas e distintas sobre a crueldade. O Teatro da Crueldade, conceito elaborado pelo dramaturgo, poeta e teórico francês Antonin Artaud na primeira metade do século XX, propõe uma ruptura radical com as convenções teatrais da época, buscando uma expressão mais autêntica e visceral da condição humana. Artaud criticava o teatro ocidental por ser excessivamente dependente do texto e da narrativa, defendendo, em contrapartida, um teatro baseado na expressão física, no gesto, no som e na *mise-en-scène*¹ impactante. Para ele, o teatro deveria atingir o público de maneira direta, afetando seus sentidos e emoções, numa tentativa de despertar o inconsciente e confrontar os espectadores com os aspectos mais profundos e, muitas vezes, perturbadores da existência humana. Segundo Artaud, no artigo *O Teatro e a Crueldade*, no livro *O teatro e seu duplo*:

Perdeu-se uma ideia do teatro. E na medida em que o teatro se limita a nos fazer penetrar na intimidade de alguns fantoches, a *transformar o público em voyeur*, é fácil entender por que a elite se afasta dele e porque o grosso da massa vai procurar no cinema, nos shows e teatros de revista ou no circo, suas satisfações violentas, e que não os decepcionam. No ponto de ruptura a que chegou a nossa sensibilidade, está fora de dúvida que precisamos antes de mais nada de um teatro que nos desperte: nervos e coração. (2006, p.95)

A citação de Antonin Artaud destaca a necessidade de um teatro que ultrapasse a mera observação passiva e envolva visceralmente o público, provocando reações intensas. Artaud critica a transformação do teatro em um espaço de voyeurismo, onde o espectador apenas observa a "intimidade de alguns fantoches", sem se sentir verdadeiramente impactado ou transformado. Nesse sentido, ele propõe um teatro que desperte "nervos e coração", alinhando-se à sua concepção do Teatro da Crueldade.

A ideia de crueldade em Artaud não se refere apenas à violência física, mas a uma força expressiva que sacuda o espectador e o tire de seu estado de conforto. Para ele, a arte deve ser um choque, um evento que force o público a confrontar verdades incômodas e profundas. Essa abordagem é oposta ao teatro tradicional, que muitas vezes se limita à reprodução de realidades psicológicas e sociais de forma convencional e previsível.

¹ *Mise-en-scène*: é um termo que surgiu no século XIX, nas apresentações clássicas de teatro. Inclui todos os elementos que aparecem no palco, como atores, cenário, figurino, iluminação, adereços, maquiagem etc.

A crítica de Artaud também se estende às novas formas de entretenimento de massa, como o cinema, o circo e os espetáculos populares, que, segundo ele, conseguem provocar sensações mais fortes do que o teatro tradicional. Isso ocorre porque tais formas de expressão frequentemente exploram elementos de choque, movimento e impacto sensorial, características que ele desejava resgatar para o teatro.

A concepção de crueldade do dramaturgo, profundamente enraizada no contexto do seu "Teatro da Crueldade", não se refere simplesmente à brutalidade física ou ao sofrimento, mas a uma forma de desvelamento visceral da realidade, uma busca por uma verdade que reside além das convenções sociais e da superficialidade. Para Artaud, a crueldade é um meio de purgação, uma forma de alcançar uma expressão autêntica da condição humana, desprovida de artifícios. Ela é, portanto, tanto destrutiva quanto criativa, um instrumento para desmascarar as ilusões e revelar as forças primordiais que governam a existência.

Um exemplo emblemático da aplicação prática dos princípios do Teatro da Crueldade pode ser encontrado na peça "Os Cenci", escrita por Artaud em 1935. Nesta obra, a história de uma família italiana do século XVI, marcada pelo incesto, assassinato e vingança, é apresentada de forma a chocar e provocar o público, utilizando-se de uma linguagem corporal intensa, maquiagens exageradas, sons perturbadores e uma cenografia que buscava envolver e desorientar os espectadores. Inspirada na história real de Beatrice Cenci, uma jovem aristocrata italiana que foi executada em 1599 por conspirar para assassinar seu pai tirânico, a peça foi um experimento ousado que não apenas desafiou as convenções teatrais da época, mas também propôs uma reconfiguração radical do próprio papel do teatro. "Os Cenci" foi inovadora tanto em sua estrutura quanto em seu conteúdo, refletindo a visão de Artaud de um teatro capaz de provocar uma reação visceral no público, afastando-se do drama psicológico para enfatizar a força bruta das emoções humanas.

A peça evita o desenvolvimento psicológico tradicional dos personagens, em favor de uma exploração crua de temas como tirania, revolta, e violência familiar. A tragédia de Beatrice Cenci não é apenas uma questão de desespero pessoal, mas um grito de resistência à brutalidade patriarcal. Artaud distorce a narrativa histórica para destacar a desintegração da ordem moral e o caos subjacente nas relações humanas. Uma das inovações mais notáveis de "Os Cenci" foi a ruptura com as formas tradicionais de dramaturgia. Artaud rejeitou a linearidade e a clareza narrativa que predominavam no teatro europeu da época, em favor de uma estrutura mais fragmentada e caótica. Esse rompimento reflete sua crença de que o teatro deve espelhar a

desordem do mundo moderno e as forças invisíveis que o movem. Artaud eliminou o foco no diálogo racional e, em vez disso, enfatizou a ação, os gestos, e as imagens sensoriais.

A encenação da peça também foi inovadora. Inspirado por formas teatrais orientais, como o teatro balinês, Artaud experimentou com movimentos corporais estilizados, cenários abstratos, iluminação e sons que criavam uma atmosfera ritualística, quase xamânica. A ideia era que o espetáculo envolvesse todos os sentidos do espectador, produzindo uma experiência que fosse simultaneamente sensorial e intelectual, atingindo a "totalidade" que Artaud almejava para o teatro.

Outra encenação que reflete os princípios do Teatro da Crueldade é a adaptação de "A Peste" de Albert Camus, concebida por Artaud, no contexto em que a montagem pretendia ser uma experiência sensorial total, utilizando o espaço do teatro de maneira inovadora e envolvendo o público de forma a fazê-lo sentir-se parte do caos e da desolação provocados pela peste.

Embora o Teatro da Crueldade não tenha se estabelecido como um movimento teatral duradouro em termos de produções concretas, o legado de Antonin Artaud é profundo e influenciou significativamente o desenvolvimento do teatro moderno e contemporâneo. Diretores e companhias teatrais ao redor do mundo continuam a explorar suas ideias, buscando formas de comunicação mais diretas e impactantes com o público, através de uma linguagem que transcende o mero diálogo e se aventura pelas profundezas da expressão humana.

Por outro lado, Clément Rosset aborda a crueldade sob uma perspectiva filosófica distinta, explorando-a através do prisma da lucidez e da aceitação incondicional da realidade. Para Rosset, a crueldade reside na revelação impiedosa da realidade tal como ela é, sem adornos ou escapismos. A natureza é indiferente ao sofrimento humano e a busca pela felicidade é uma tentativa fútil de negar essa crueldade inerente à existência. Para ele, é necessário aceitar a realidade tal como ela é, sem ilusões ou esperanças infundadas, e encontrar significado na própria capacidade de suportar a dor e o sofrimento. A crueldade, nesse sentido, é a força que nos confronta com o absurdo da existência, a inevitabilidade do sofrimento e a inescapável finitude da vida. Não se trata, portanto, de uma crueldade que busca infligir dor, mas uma que emerge da recusa em suavizar ou desviar o olhar da dura verdade do ser.

O princípio de crueldade, conceito elaborado pelo filósofo francês Clément Rosset, mergulha nas profundezas da natureza humana e da realidade, desvendando uma perspectiva

que muitos podem considerar perturbadora. Este princípio sugere que a existência é marcada por uma crueldade intrínseca, não no sentido moral de maldade, mas como uma característica fundamental do real, uma aceitação da brutalidade do "ser" em sua forma mais crua e indiferente.

Rosset argumenta que a realidade não se molda às nossas expectativas ou desejos, mostrando-se frequentemente indiferente e, por vezes, hostil às nossas demandas por sentido e conforto. Este encontro com a "crueldade" da realidade pode ser exemplificado pela inevitabilidade da morte, uma verdade fundamental que todos enfrentamos, mas que muitas vezes é camuflada por nossas construções sociais, culturais e pessoais que buscam dar sentido ou adiar o enfrentamento dessa realidade.

Dizendo em outras palavras, suspeito muito de que a desavença filosófica com o real não tenha por origem o fato de que a realidade seja inexplicável, considerada apenas em si mesma, mas sim o fato de que ela seja *cruel* e que consequentemente a ideia de realidade suficiente, privando o homem de toda possibilidade de distância ou de recurso com relação a ela, constitui um risco permanente de angústia e de angústia intolerável." (1989, p.10)

A citação de Rosset aponta para uma tensão central na relação do sujeito com o real, tensionando que o conflito filosófico não nasce da inexplicabilidade da realidade, mas de sua crueldade intrínseca. Em outras palavras, não é a incapacidade de compreender o mundo que causa desconforto, mas o fato de que o real se apresenta de forma tão implacável e "suficiente" que o ser humano se vê desprovido de qualquer distância ou recurso diante dele. Essa visão abre caminho para uma compreensão aprofundada da estética da crueldade.

Outro exemplo pode ser encontrado na experiência do fracasso ou da perda, momentos em que a realidade se impõe contra nossas vontades e expectativas, revelando uma indiferença que pode ser percebida como cruel. Rosset nos convida a confrontar essa crueldade, não com desespero, mas com um tipo de aceitação lúcida, uma admissão de que a realidade é o que é, não o que gostaríamos que fosse.

Ao abraçar o princípio de crueldade, Rosset não sugere uma resignação passiva, mas uma forma de honestidade radical com nós mesmos e com o mundo ao nosso redor. Reconhecer a crueldade inerente à condição humana e à realidade pode ser o primeiro passo para uma forma de liberdade que nasce da aceitação da vida tal como ela é, não como gostaríamos que fosse. Esta perspectiva, embora possa parecer sombria à primeira vista, oferece uma base para uma relação mais autêntica e menos ilusória com a existência, uma onde a beleza e a alegria não são

negadas, mas são apreciadas com uma consciência plena da efemeridade e da indiferença do universo.

Embora Artaud e Rosset partam de premissas e objetivos diferentes, ambos convergem na ideia de que a crueldade, de alguma forma, nos aproxima de uma compreensão mais profunda da realidade. Enquanto Artaud vê na crueldade uma ferramenta estética e espiritual para sacudir os alicerces da percepção e da expressão, Rosset a concebe como uma aceitação filosófica, quase estoica, da condição humana. Em ambos os casos, a crueldade é despojada de sua conotação meramente negativa e transformada em um veículo para a verdade, seja ela estética ou existencial. Assim, as reflexões de Artaud e Rosset sobre a crueldade nos desafiam a confrontar as profundezas de nossa existência e a buscar, naquilo que pode inicialmente parecer sombrio ou perturbador, caminhos para uma compreensão mais autêntica e integral do ser.

1.2 JUNJI ITO INSERIDO NESSES CONCEITOS

A obra de Junji Ito, um mestre do terror japonês, é um convite ao desconforto e à reflexão sobre os aspectos mais sombrios da natureza humana e do universo. Ao analisar sua obra sob a lente dos conceitos de teatro da crueldade e princípio da crueldade, percebemos uma interseção profunda entre essas ideias e a maneira como Ito constrói suas narrativas gráficas. O teatro da crueldade, conceito desenvolvido pelo dramaturgo francês Antonin Artaud, propõe uma ruptura com o teatro tradicional, buscando impactar o público a um nível sensorial, despertando-o para uma realidade crua e visceral. Artaud via no teatro a possibilidade de expressar a verdadeira essência das coisas, por mais perturbadora que fosse, através da violência física e psicológica, elementos que são abundantemente explorados nas histórias de Ito.

Em seus mangás, Junji Ito frequentemente explora o princípio da crueldade, não apenas em seu sentido físico, mas também em uma dimensão psicológica e existencial. Suas histórias, recheadas de imagens grotescas e cenários de pesadelo, funcionam como uma espécie de teatro da crueldade em formato de quadrinhos, onde o leitor é confrontado com o horror em sua forma mais pura. A crueldade, nesse contexto, não é apenas um instrumento narrativo, mas um princípio que revela a fragilidade e a perversidade intrínsecas à condição humana. Por exemplo, em *A Espiral do Horror ("Uzumaki")*, a obsessão de uma cidade pela forma espiral torna-se uma metáfora para a compulsão humana por destruição e auto aniquilação, refletindo o princípio da crueldade em sua dimensão mais abstrata.

Além disso, o uso do grotesco e do macabro por Ito ressoa com a ideia de Artaud de choque como meio de revelação, à medida que a exposição ao horror extremo força uma ruptura com o conforto da percepção cotidiana, levando a uma compreensão mais profunda da realidade. Junji Ito, assim como Artaud, não se limita a retratar o horror em suas formas convencionais; ele o reinventa, criando um universo onde o terror emerge não apenas dos monstros, mas das neuroses, traumas e medos profundamente enraizados na psique humana.

Georges Bataille, filósofo francês cujo trabalho se destaca pela exploração dos limites da experiência humana, abordando temas como erotismo, sacrifício, violência, transgressão e o sagrado, comenta em sua principal obra *O erotismo*: "A violência não é apenas destruição, mas um meio de revelação, uma experiência que nos leva ao limite do suportável." (2013, p. 154).

A afirmação de Bataille sugere que a violência, quando inserida na arte e na literatura, não se limita a um ato de aniquilação ou brutalidade gratuita, mas opera como um mecanismo de desvendamento da realidade. A violência, nesse contexto, expõe verdades ocultas sobre a condição humana, os limites da razão e os impulsos mais primordiais da psique. Essa abordagem ressoa profundamente com a obra de Junji Ito, um dos maiores mestres do horror japonês, cuja narrativa visual e temática explora constantemente os limites do suportável, tanto para seus personagens quanto para seu público.

Em *Tomie*, a violência desempenha um papel central não apenas como ferramenta de horror, mas como um meio de revelar a fragilidade do desejo humano. Tomie é assassinada repetidamente por aqueles que são tomados por uma obsessão incontrolável por ela, e seu retorno incessante desafia qualquer tentativa de erradicá-la. O ciclo de violência e regeneração não representa apenas um espetáculo grotesco, mas expõe como o desejo pode ser destrutivo, transformando os personagens em instrumentos da própria decadência. Assim, a violência em *Tomie* não apenas destrói, mas também ilumina aspectos sombrios da natureza humana – o desejo pelo inatingível, a loucura gerada pela obsessão e a futilidade da tentativa de controlar o incontrolável.

Da mesma forma, em *Uzumaki*, a violência toma formas abstratas e inevitáveis, revelando uma dimensão oculta do mundo ao transformar a própria realidade em algo que devora seus habitantes. A progressiva distorção dos corpos e das mentes pela influência das espirais simboliza a irrupção de um horror que estava sempre presente, mas apenas aguardava

sua manifestação. Aqui, a violência não apenas destrói fisicamente, mas revela a pequenez dos humanos diante de forças cósmicas e incontrolláveis.

Já em *Gyo*, outra obra de Ito, a violência emerge não apenas dos ataques grotescos de peixes mecânicos, mas também da deterioração gradual dos corpos humanos submetidos a uma infecção bizarra. O horror do nojo, tão característico da obra de Ito, opera aqui como um mecanismo de revelação: a civilização é frágil, e os corpos humanos são meros recipientes efêmeros, vulneráveis a transformações monstruosas.

Clément Rosset, em sua filosofia da crueldade, explora a ideia de que a realidade em si mesma é cruel, pois não possui um sentido último ou uma justificativa metafísica. Ele descreve a realidade como um “realismo trágico”, no qual somos confrontados com o absurdo da existência e a aceitação de uma verdade que, por ser irremediável e inescapável, é cruel. Para Rosset, a crueldade é o reconhecimento de que a realidade é o que é, sem propósito, sem um sentido transcendente, e a dor vem justamente da tentativa de buscar um significado onde ele não existe.

Junji Ito ressoa com essa ideia ao criar cenários onde seus personagens são incapazes de encontrar sentido em seu sofrimento. Em *Tomie*, por exemplo, a protagonista continua a renascer e espalhar destruição e obsessão ao seu redor, mas nunca há um objetivo claro. Ela não busca vingança, redenção ou qualquer propósito; sua natureza cruel e regenerativa é simplesmente um fato inalterável de sua existência. Isso exemplifica o que Rosset chamou de crueldade da realidade: um ciclo infinito, sem explicação e sem uma razão que justifique o horror.

Em suma, a obra de Junji Ito pode ser vista como uma manifestação contemporânea do teatro da crueldade, onde o princípio da crueldade é explorado não apenas como um tema, mas como uma força motriz que permeia toda a narrativa. Esse encontro entre o terror gráfico de Ito e os conceitos teatrais de Artaud nos convida a repensar as fronteiras entre arte e horror, entre o estético e o repulsivo, desafiando-nos a enfrentar as verdades mais profundas e perturbadoras sobre nós mesmos e o mundo ao nosso redor.

Análise de *Tomie* à Luz do Teatro da Crueldade e da Estética da Crueldade.

Tomie é uma série de histórias que giram em torno de uma jovem mulher, Tomie Kawakami, que possui a habilidade sobrenatural de se regenerar completamente a partir de

qualquer parte de seu corpo, mesmo após ser brutalmente assassinada. Tomie exerce uma influência hipnótica e destrutiva sobre aqueles ao seu redor, levando-os a cometer atos de violência extrema.

A personagem de Tomie personifica o conceito de crueldade de Artaud. Ela representa a face oculta e reprimida da natureza humana: o desejo de destruição, a luxúria incontável e a inevitabilidade da decadência. A maneira como Tomie manipula e corrompe os outros, forçando-os a confrontar seus próprios desejos sombrios e sua propensão à violência, é um reflexo direto do objetivo de Artaud de desenterrar e expor as emoções mais profundas e reprimidas.

A habilidade de Tomie de se regenerar infinitamente após ser morta simboliza a inexorabilidade da crueldade e da corrupção. Não importa quantas vezes ela seja destruída, ela sempre retorna, mais forte e mais perturbadora. Essa regeneração contínua representa a ideia de que os aspectos mais sombrios da natureza humana são indestrutíveis e sempre presentes, independentemente dos esforços para suprimi-los.

A regeneração de Tomie pode ser vista como uma metáfora para os ciclos intermináveis de violência e desejo que Artaud acreditava serem parte inerente da experiência humana. Assim como Tomie, esses impulsos sombrios nunca podem ser completamente erradicados; eles estão sempre à espreita, prontos para ressurgir a qualquer momento.

Junji Ito utiliza uma estética que é inerentemente cruel, apresentando imagens que são ao mesmo tempo fascinantes e repulsivas. Suas ilustrações são extremamente detalhadas, com ênfase no grotesco e no macabro. A representação visual de Tomie, muitas vezes em estados de mutilação ou regeneração, cria uma sensação de horror visceral que é difícil de ignorar.

Em seu livro *O Princípio da Crueldade*, Rosset pondera: “No princípio da crueldade reside a essência de uma arte que desafia a passividade, forçando o espectador a confrontar o horror e a beleza implacáveis do real.” (2007, p. 89). Podemos compreender que a estética da crueldade propõe uma ruptura com a inércia do olhar passivo. Essa concepção sustenta que a verdadeira força transformadora da arte está em sua capacidade de chocar e perturbar, exigindo do espectador uma participação ativa no confronto com as dimensões mais cruas e desconfortáveis da existência.

Na obra *Tomie*, de Junji Ito, esse princípio se materializa de maneira visceral. A personagem Tomie não é apenas uma figura de beleza enigmática, mas também um símbolo da inevitabilidade do horror. Sua incessante regeneração, que desafia a ordem natural, e a forma como desperta obsessões e destruição, colocam o público diante de uma realidade que não se pode abrandar ou domesticar. Assim como Rosset defende que a arte deve “forçar o espectador a confrontar o horror e a beleza implacáveis do real”, *Tomie* obriga o leitor ou espectador a encarar a dualidade entre o fascínio e o repúdio, entre a sedução e a aniquilação.

A estética da crueldade em *Tomie* ultrapassa a simples exibição do grotesco, pois sua narrativa explora a interseção entre a beleza e a devastação. O horror não é meramente um efeito visual ou narrativo, mas uma experiência que desestabiliza o espectador, desafiando-o a refletir sobre a inevitabilidade da decadência e a natureza destrutiva do desejo. Essa aproximação ao real, nua e crua, é justamente o que Rosset propõe: uma arte que não se esconde atrás de artifícios, mas que expõe suas próprias contradições e brutalidades.

Essa estética da crueldade é fundamental para a experiência de leitura de *Tomie*. As imagens gráficas e perturbadoras forçam o leitor a confrontar a realidade brutal da destruição e regeneração contínuas. Ito não poupa detalhes ao ilustrar a violência e o horror, criando uma experiência visual que complementa e intensifica a narrativa.

Através de *Tomie*, Ito explora temas profundos como mortalidade, identidade e desejo. A personagem é um enigma, ao mesmo tempo irresistível e aterrorizante, ela representa a dualidade da beleza e da monstruosidade. Essa dualidade desafia o leitor a refletir sobre a natureza do desejo e a inevitabilidade da decadência e da destruição.

A influência de *Tomie* sobre os outros personagens também levanta questões sobre o livre arbítrio e a corrupção moral. A capacidade de *Tomie* de levar as pessoas a cometerem atos de violência extrema sugere que, sob certas circunstâncias, qualquer pessoa é capaz de crueldade e destruição. Isso reflete a visão de Artaud de que a crueldade está presente em todos nós, esperando para ser desencadeada. Em uma de suas cartas, Artaud expressa: "A crueldade não foi acrescentada a meu pensamento, ela sempre viveu nele; mas eu precisava tomar consciência dela." (2006, p.119)

A citação evidencia que Artaud compreende a crueldade não como um elemento exterior ao ser humano ou algo adquirido por influência do meio, mas como uma força originária, constitutiva da existência. Em sua concepção, a crueldade representa um “apetite de vida”, uma

energia vital que, apesar de frequentemente reprimida ou negligenciada, permanece latente no interior de cada indivíduo, à espera de uma ocasião propícia para emergir. Tal concepção contribui para reforçar a ideia de que o horror e a crueldade não se limitam a manifestações externas, mas funcionam como projeções de conflitos internos e ansiedades profundas. Desse modo, Artaud aproxima-se da noção de que os medos mais intensos — como a perda de identidade, o colapso moral e o descontrole — estão profundamente enraizados na forma como o sujeito experimenta a si mesmo e o mundo que o cerca.

Tomie de Junji Ito é uma exploração profunda e perturbadora dos conceitos de Teatro da Crueldade e Estética da Crueldade. Através de sua narrativa e de sua personagem principal, Ito confronta o leitor com a realidade brutal dos desejos e impulsos humanos mais sombrios. *Tomie* não é apenas uma história de horror, mas uma reflexão filosófica e psicológica sobre a natureza da crueldade e da corrupção. Ao explorar essas temáticas através de uma estética visual poderosa e uma narrativa intensa, Junji Ito cria uma obra que é ao mesmo tempo fascinante e profundamente inquietante.

A análise da obra de Junji Ito, especialmente *Tomie*, sob os conceitos do Teatro da Crueldade e da Estética da Crueldade, revela uma intersecção profunda entre a narrativa de horror e as ideias filosóficas sobre a natureza humana e a realidade. Ao incorporar elementos do Teatro da Crueldade, Ito cria uma experiência que vai além do mero entretenimento, forçando os leitores a confrontarem suas próprias emoções reprimidas e a complexidade da condição humana. A personagem *Tomie*, com sua capacidade de regeneração e sua influência corrosiva sobre aqueles ao seu redor, serve como uma manifestação física das ideias de Artaud sobre a crueldade inerente à existência.

Além disso, a Estética da Crueldade é plenamente realizada nas ilustrações perturbadoras e nas narrativas que exploram os limites do grotesco e do macabro. Ito não apenas choca visualmente, mas também instiga uma reflexão mais profunda sobre a mortalidade, a identidade e os impulsos destrutivos que residem em cada ser humano. A combinação desses elementos transforma *Tomie* em uma obra que desafia o leitor a encarar a brutalidade da realidade sem os filtros de ilusões reconfortantes.

Portanto, a obra de Junji Ito não só se encaixa nos moldes do Teatro e da Estética da Crueldade, mas também enriquece esses conceitos com uma abordagem única e inovadora. Ao explorar os aspectos mais sombrios e inquietantes da existência, Ito não apenas redefine o

gênero do horror, mas também contribui significativamente para a compreensão filosófica da crueldade e da realidade. Este capítulo demonstrou como *Tomie* e outras obras de Ito oferecem um campo fértil para a aplicação e expansão dessas teorias, sublinhando a importância de sua obra no contexto da literatura e da filosofia contemporânea.

Tomie, uma jovem de beleza sobrenatural, possui uma característica horrenda: ela é imortal, renascendo continuamente de pedaços do próprio corpo. Junji Ito utiliza o corpo de Tomie como um meio para desafiar limites entre o belo e o grotesco, alinhando-se com a estética da crueldade ao transformar seu corpo em um símbolo de desejo e destruição. A beleza hipnotizante de Tomie atrai quem está ao seu redor, mas esse fascínio leva ao caos quando os personagens ficam obcecados a ponto de se tornarem violentos.

Em termos de corporalidade, o corpo de Tomie é tratado como algo descartável. Ela é despedaçada, mutilada e assassinada várias vezes, mas, cada vez que é destruída, surge uma nova versão de si mesma, que renasce da sua carne mutilada e continua a atormentar os outros. Essa repetição de violência e regeneração cria um ciclo interminável de horror, onde o corpo feminino é o palco central da crueldade. A capacidade de regeneração, por si só, remete a uma metáfora sobre a punição e o eterno retorno do sofrimento, pois Tomie nunca se livra do desejo que inspira nos outros e nunca escapa do ciclo de sua própria morte e renascimento.

Ciclo esse que deu origem a uma série de teorias sobre o surgimento dessa capacidade de regeneração da Tomie. Em uma dessas teorias, é colocado o local da primeira morte de Tomie, o morro da divindade Inari, que é colocada como representante da prosperidade, chá, agricultura, indústria e forja, auxiliando o povo japonês a resistir ao teste do tempo. Será que o fato de algo tão brutal ter acontecido em solo sagrado tornou Tomie uma espécie de castigo divino? Castigo esse que se tornou uma maldição?

Na narrativa, a regeneração de Tomie não possui uma explicação científica; ela é uma característica sobrenatural que a coloca fora das leis da natureza. Muitos fãs e teóricos veem Tomie como uma entidade ou um espírito maligno, e alguns a associam a seres mitológicos japoneses como as *yurei* (fantasmas vingativos) ou as *kitsune* (espíritos raposas, capazes de mudar de forma), que estão relacionadas a divindade Inari. A ideia de que Tomie é uma força inevitável, algo que retorna incessantemente, também é uma reminiscência de lendas sobre espíritos ou seres imortais e indestrutíveis, que se alimentam das fraquezas humanas.

1.3 HORROR, CRUELDADE E PECADO.

A estética da crueldade, em sua essência, propõe que o horror e a violência – embora frequentemente apresentados como elementos complementares – possuem naturezas díspares. O horror, enquanto experiência estética, evoca reações de medo, fascínio e repulsa, transportando o espectador para um estado de inquietação existencial. Por outro lado, a crueldade opera como uma imposição implacável da realidade, na qual a dor e a destruição são inevitáveis e não oferecem espaço para evasão ou consolo.

Nas obras de Junji Ito, essa dualidade se manifesta de forma intensa e multifacetada. Em narrativas como *Tomie*, o horror se converte em uma experiência que vai além do mero susto: ele se torna uma revelação da fragilidade e dos impulsos mais primitivos do ser humano. Tomie, com sua capacidade ininterrupta de regeneração e sua natureza enigmática, encarna o paradoxo entre a beleza sedutora e o terror inevitável. Enquanto o horror da obra perturba o espectador ao expor o incontrolável, a crueldade está presente na própria existência da personagem – uma presença implacável que nunca pode ser erradicada, simbolizando a inevitabilidade dos desejos e das transgressões humanas.

A simbologia dos sete pecados capitais acrescenta uma camada adicional a essa análise. Tomie pode ser vista como a personificação de múltiplos vícios humanos: a luxúria se revela na obsessão que ela incita, a ira e a inveja emergem nas reações destrutivas de seus admiradores, e o orgulho se manifesta na sua postura altiva e sedutora. Essa intersecção de elementos morais e estéticos reforça a ideia de que os pecados – e, por extensão, os impulsos humanos mais obscuros – são intrinsecamente ligados à experiência do horror. A identidade de Tomie, construída em torno desses arquétipos, não se limita à mera apresentação de violência; ela se transforma num espelho distorcido da condição humana, onde o prazer e o terror se entrelaçam de forma inevitável.

A personagem é mais do que uma antagonista de horror; ela é uma metáfora viva das falhas humanas universais. Ao invés de ser apenas uma figura maligna ou ameaçadora, Tomie funciona como um espelho simbólico da própria condição humana, revelando de forma brutal e estilizada as contradições, vícios e fragilidades morais que fazem parte da natureza de todos. Em contos como: A fotografia, pintor, assassinato e top model, Tomie se comporta com soberba mostrando que possui uma autopercepção narcisista e frequentemente manipula aqueles ao seu redor com frieza e superioridade. Essa postura remete à ideia de crueldade como uma força

ativa que submete o outro à sua vontade. A personagem, consciente de seu poder, exerce domínio com requintes de sadismo psicológico, reiterando sua posição de controle absoluto sobre os demais.

Ademais, nas diversas adaptações de *Tomie*, a tradução intersemiótica permite que essa riqueza simbólica seja explorada de modos variados. Seja na transposição do mangá para o cinema ou para outras mídias, a estética da crueldade é ressignificada, preservando a tensão entre o horror visceral e a complexa construção da identidade da personagem. As adaptações enfatizam tanto o impacto visual dos elementos grotescos quanto a profundidade dos temas abordados – revelando como o encontro com o proibido e o inevitável pode desestabilizar o espectador e expor a verdade crua dos impulsos humanos.

Em síntese, enquanto o horror se apresenta como um fenômeno capaz de provocar uma experiência estética intensa e perturbadora, a crueldade opera como a materialização dessa experiência, obrigando o indivíduo a confrontar a inevitabilidade de seus próprios desejos e medos. Na obra de Junji Ito, e especialmente em *Tomie*, a simbologia dos sete pecados capitais reforça essa dialética, fazendo com que a personagem se converta num arquétipo que representa a dualidade entre beleza e destruição – uma expressão visual e narrativa da eterna tensão entre o prazer proibido e o terror inescapável da existência.

CAPÍTULO II

2.1 A TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA

A tradução intersemiótica, também conhecida como transmutação, é um conceito desenvolvido por Roman Jakobson, linguista e teórico da comunicação, que se refere à tradução de um sistema de signos para outro. Enquanto a tradução intralinguística (dentro de uma mesma língua) e a tradução interlinguística (entre duas línguas diferentes) lidam com códigos linguísticos, a tradução intersemiótica transcende o código verbal e envolve a transformação de significados entre diferentes sistemas de signos – como passar de uma linguagem verbal para uma visual, sonora ou corporal.

Um exemplo de tradução intersemiótica seria a adaptação de um romance para o cinema, onde a narrativa escrita é reinterpretada em termos de imagens, sons e movimentos, ou mesmo a transposição de uma obra musical para a dança, na qual a linguagem sonora se converte em expressão por meio dos gestos e da corporalidade. Roman Jakobson explica o conceito de maneira sucinta em sua obra *Aspectos linguísticos da tradução*: “A tradução intersemiótica ou transmutação é uma interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais”. (1959, p. 261)

Neste contexto, a tradução intersemiótica não é apenas uma conversão direta, mas sim uma recriação do conteúdo em um novo meio, respeitando as limitações e possibilidades específicas do novo sistema de signos. A transposição exige um alto nível de interpretação, pois o significado original precisa ser recriado de forma que ressoe no novo código, buscando manter a essência e o impacto do original.

Trazendo esse tópico de recriação do conteúdo em um novo meio, Thais Flores em seu livro *Literatura e cinema: tradução, hipertextualidade, reciclagem*, traz o conceito de adaptação reciclada que se refere a um tipo específico de adaptação intersemiótica que não se limita apenas à transposição direta de uma obra para outra mídia, mas envolve a reutilização criativa de elementos de uma obra original de forma a dar-lhe um novo significado, contexto ou abordagem. Esse conceito considera que uma obra adaptada pode ter elementos transformados ou "reciclados", ou seja, reaproveitados, mas com alguma modificação, que redefine sua identidade e seu efeito no novo meio.

Um exemplo prático de adaptação reciclada poderia ser o filme *Clueless* (1995), uma versão moderna e atualizada do romance *Emma*, de Jane Austen. Enquanto o enredo e os personagens seguem um padrão similar ao da obra original, a história é recontextualizada para um cenário de escola secundária em Beverly Hills na década de 1990, com novos elementos culturais e referências contemporâneas. Este tipo de adaptação respeita o espírito e a estrutura básica da narrativa original, mas utiliza a história de maneira flexível para dialogar com uma nova audiência e contexto.

Em suas reflexões sobre o tema, Thais Flores no livro *Literatura e cinema* observa que:

A reciclagem, longe de ser vista como uma cópia ou versão secundária do texto fonte, é uma manifestação da perenidade do próprio texto. É uma reafirmação do seu valor, agora transposto para outro universo semiótico e para outro público. (1999, p. 45)

A citação de Diniz ("Adaptação Reciclada") aponta para a ideia de que a reciclagem de um texto não o reduz a uma mera cópia, mas reafirma sua perenidade e relevância ao ser transposto para novos universos semióticos e públicos. Essa perspectiva é particularmente pertinente quando aplicada à estética da crueldade, pois muitas de suas manifestações artísticas são caracterizadas pela transposição de conceitos, imagens e narrativas para diferentes mídias e contextos.

No campo da estética da crueldade, a reciclagem textual pode ser observada na adaptação de obras literárias para o cinema, teatro ou outras formas de expressão visual. A violência, o grotesco e a perturbação psicológica, tão recorrentes nessa abordagem estética, assumem novas camadas de significado ao serem reinterpretados em diferentes formatos. Um exemplo notável é a obra de Junji Ito, cujas histórias em mangá são frequentemente transpostas para animes e filmes, mantendo sua essência de horror visceral, mas adquirindo novas dimensões audiovisuais que reforçam seu impacto.

A citação também sugere que a transposição não apenas reafirma o valor do texto original, mas também permite sua ressignificação em novos contextos. No caso da estética da crueldade, isso pode ser observado na maneira como diferentes culturas e momentos históricos reinterpretam a violência e o sofrimento em suas produções artísticas. Assim, o horror e a crueldade não são apenas reciclados, mas adaptados para refletir novas ansiedades e inquietações sociais.

A adaptação reciclada tem que ser um processo que valoriza e revigora o texto original, ao mesmo tempo que permite a criação de algo novo e relevante para um novo público ou época.

É uma forma criativa de releitura e reinvenção, que oferece à obra original uma nova vida e significado dentro de um universo cultural atualizado e recontextualizado.

A obra de Ito, caracterizada pelo horror psicológico e corporal, pelas nuances culturais e pelos detalhes visuais únicos, possui uma força que desafia adaptações diretas. Assim, as adaptações de *Tomie* e outras de suas histórias costumam envolver uma "reciclagem" dos elementos centrais da narrativa e das características da personagem, ajustando-as ao contexto, às limitações e às potencialidades de novos meios, como o cinema, a televisão e o *streaming*.

As adaptações de *Tomie* para o cinema japonês na década de 1990 e início dos anos 2000 demonstram que a reciclagem de uma obra não se limita à simples reprodução do material original. Pelo contrário, essas adaptações reconfiguram e expandem a narrativa, introduzindo novos elementos que dialogam com diferentes contextos socioculturais. Além de preservar a essência do horror corporal e psicológico presente no mangá de Junji Ito, os filmes reinterpretam *Tomie* para atender às expectativas do público contemporâneo, explorando novas dinâmicas e abordagens visuais.

Um dos aspectos mais evidentes dessa reciclagem é a atualização visual e tecnológica. As adaptações cinematográficas utilizam os recursos audiovisuais da época em que foram produzidas para intensificar o impacto do grotesco e da incessante capacidade de regeneração da protagonista. Os efeitos especiais e a cinematografia adaptam a estética do horror do mangá para um formato que captura o público do cinema, tornando a experiência mais imersiva e sensorial. Assim, a obra original é ressignificada por meio de novas técnicas, que reforçam a tensão e a angústia presentes na história.

Além disso, as adaptações também promovem uma exploração de temas contemporâneos. A personagem Tomie, que já encarnava elementos da *femme fatale*² e do desejo obsessivo, é reinterpretada para refletir questões de identidade, autodestruição e pressão estética. Tomie é constantemente assassinada pelos homens que a desejam. Eles a amam, a veneram, mas ao perceberem que não podem dominá-la — ou que seu desejo jamais será satisfeito —, a matam. Essa repetição macabra escancara um padrão social e simbólico: o corpo da mulher, sobretudo aquele que foge à submissão, é punido, silenciado ou destruído. O ato de

² Femme Fatale é uma expressão que significa “mulher fatal”. É uma representação feminina caracterizada pelo poder de sedução, que é usado, muitas vezes, para persuadir figuras masculinas.

matar Tomie, por mais que pareça uma resposta à sua monstruosidade, é, na verdade, um reflexo do ódio masculino ao que não pode ser possuído ou domesticado.

Tomie sobrevive a tudo. Ela se regenera, multiplica-se. Sua imortalidade funciona como resistência radical: uma mulher que nunca desaparece, que nunca é reduzida à vítima definitiva, mesmo sendo continuamente violentada. Essa característica a torna uma figura de crueldade no sentido artaudiano, não porque comete atos brutais, mas porque existe para desestabilizar, para revelar a violência escondida na normalidade do desejo masculino.

A releitura de Tomie, que amplia seus traços de *femme fatale* e de objeto de desejo obsessivo para explorar dinâmicas de identidade, encontra um eco poderoso nas formulações da estética da crueldade. Em primeiro lugar, ao encarnar a figura da sedutora imortal que manipula e fragmenta aqueles ao seu redor, Tomie questiona a noção de um “eu” estável e unitário. Para Bataille, o ato de transgressão – isto é, ultrapassar as fronteiras do permitido – é também a derrubada das barreiras internas que definem o sujeito, expondo-o ao inominável e ao erótico como modos de conhecer-se (BATAILLE, 1949). Nesse sentido, a sedução cruel de Tomie opera como um espelho distorcido: cada admirador que sucumbe a ela não apenas revela seus próprios desejos reprimidos, mas também fragmenta sua identidade ao ceder a uma força que o transcende.

Em algumas versões cinematográficas, o horror não está apenas na capacidade sobrenatural de Tomie de renascer, mas também no impacto psicológico que ela causa nos personagens ao seu redor. Dessa forma, o terror da obra transcende o grotesco físico e adquire novas camadas de significado que dialogam com o público jovem de cada geração.

Outro ponto fundamental desse processo de reciclagem é a interpretação livre dos eventos e estruturas narrativas. Ao invés de seguir rigidamente a sequência dos quadrinhos, os filmes frequentemente criam novas histórias ou reorganizam os eventos originais para explorar diferentes facetas do horror. Essa flexibilidade narrativa permite que cada versão de *Tomie* traga uma abordagem única, explorando novas possibilidades para a personagem e para seu efeito destrutivo sobre os outros personagens. Dessa forma, a obra se reinventa constantemente, preservando sua essência, mas sempre se adaptando a novos contextos e interpretações.

Thaís Flores destaca um importante fato em seu livro *Literatura e cinema: da semiótica à tradução*: "A transposição de obras literárias para a tela representa um exercício de tradução intersemiótica, no qual o desafio é manter a essência do original enquanto se explora a

capacidade expressiva do cinema." (2008, p.102). A citação destaca a complexidade e o desafio inerentes à transposição de obras literárias para o cinema, entendida como uma tradução intersemiótica – isto é, a transferência de significados e elementos de uma linguagem (a literatura ou, no caso de Ito, o mangá) para outra (a linguagem audiovisual). O desafio central consiste em preservar a essência do original, ou seja, os elementos temáticos, estéticos e emocionais que definem a obra, enquanto se explora as potencialidades expressivas e técnicas próprias do cinema.

Nas obras de Junji Ito, essa problemática assume contornos particularmente interessantes. Originalmente, Ito elabora suas narrativas no formato de mangá, no qual o horror é articulado por meio da sequência de imagens, da organização dos painéis e de sua relação compositiva, o uso dramático de sombras e detalhes minuciosos que criam uma atmosfera de suspense e repulsa. Essa linguagem gráfica possui uma cadência própria, que conduz o leitor a uma experiência de horror gradual, permeada por elementos visuais que se revelam com o desenrolar da narrativa.

Ao transpor tais obras para a tela, os cineastas se deparam com o desafio de manter essa “essência” – o terror sutil, a estética do grotesco e a sensação de inevitabilidade que permeia as histórias – ao mesmo tempo em que aproveitam recursos que a linguagem cinematográfica oferece, como a movimentação de câmera, a trilha sonora, os efeitos especiais e a montagem. Essa tradução intersemiótica exige uma releitura criativa: o que era sugerido através de estáticos quadros desenhados precisa ser reimaginado em sequências dinâmicas e imersivas, sem que se perca o impacto original da narrativa.

No caso específico de *Tomie*, a obra que se destaca pela sua abordagem do horror corporal e pela figura enigmática da protagonista, o exercício de adaptação se torna ainda mais desafiador. Tomie é uma personagem cuja natureza paradoxal – bela e aterrorizante, capaz de seduzir e destruir – exige que as adaptações não apenas repliquem a narrativa dos quadrinhos, mas que também transmitam a ambivalência e a tensão que a caracterizam. Cada elemento de sua regeneração incessante, de seu poder hipnótico e do ciclo eterno de obsessão e destruição, precisa ser traduzido para a linguagem do cinema de forma a manter a coerência estética e emocional do original.

As questões de gênero ocupam um lugar central na construção da personagem Tomie e influenciam diretamente os desafios de sua adaptação para outras mídias. A protagonista

encarna uma figura feminina marcada por uma profunda ambivalência: ela é, ao mesmo tempo, objeto de desejo e fonte de terror. Essa dualidade, que a torna bela e sedutora, mas também monstruosa e destrutiva, insere-se em uma longa tradição literária e cinematográfica na qual a mulher é representada como uma ameaça latente à ordem masculina — uma figura próxima da *femme fatale*, mas com contornos ainda mais inquietantes por sua natureza sobrenatural e regenerativa.

O horror corporal, intensamente presente em *Tomie*, ganha aqui uma conotação de gênero específica: o corpo feminino é visto como lugar de instabilidade, metamorfose e descontrole. A capacidade de Tomie de se regenerar infinitamente, mesmo após ser desmembrada, confronta diretamente as normas tradicionais da representação feminina, especialmente aquelas que associam a mulher à fragilidade, à passividade ou à pureza. Em vez disso, ela surge como um corpo que resiste à morte, à domesticação e à fixação simbólica, o que a torna especialmente perturbadora no imaginário masculino.

As adaptações cinematográficas de *Tomie* têm buscado, de maneiras variadas, explorar essas potencialidades. Alguns filmes enfatizam o aspecto visual e o horror grotesco por meio de efeitos especiais e cenários sombrios, enquanto outros tentam aprofundar os conflitos psicológicos dos personagens e a ambiguidade moral que envolve a figura de Tomie. Em ambas as situações, o êxito da adaptação está na habilidade de preservar a essência da obra original — aquela que converte o horror em uma experiência quase poética — e, simultaneamente, de explorar as novas possibilidades narrativas oferecidas pelo cinema, nesse contexto em que medo e fascínio se entrelaçam.

A própria personagem de *Tomie* representa um arquétipo que se presta à reciclagem, pois é uma figura de beleza e horror que provoca tanto fascínio quanto repulsa. Sua habilidade sobrenatural de regeneração, que permite que ela se multiplique a partir de partes do corpo, é em si um símbolo de adaptação reciclada: *Tomie* é destruída e recriada, sempre mantendo uma essência de horror e sedução, mas nunca sendo exatamente a mesma. Cada adaptação recicla essa essência, ajustando-a à visão do diretor ou à estética da produção, criando "novas Tomies" para públicos diversos.

A recente adaptação de Junji Ito para plataformas de *streaming*, como *Junji Ito Collection* e *Junji Ito Maniac: Japanese Tales of the Macabre* na Netflix, trazem histórias clássicas do autor, incluindo *Tomie*, para um novo público e para uma estética mais acessível

ao formato de séries curtas. Nessas adaptações, a reciclagem ocorre tanto na forma quanto no conteúdo, pois o horror precisa ser adaptado a um público internacional, que talvez não esteja familiarizado com as nuances culturais japonesas. Os episódios transformam o estilo visual característico dos mangás de Junji Ito em animações que buscam capturar, mas também reinventar, o traço perturbador do autor, inserindo também sons e atmosferas que amplificam o terror psicológico.

2.2 TOMIE NO CINEMA E NA ANIMAÇÃO

A obra *Tomie* teve várias adaptações tanto no cinema quanto na animação, cada uma explorando de maneira única o horror psicológico e corporal que caracteriza a personagem. A obra de Junji Ito adaptada para o formato de animação pela primeira vez na série *Junji Ito Collection* (2018), produzida pelo Studio Deen. Posteriormente, em 2023, a série *Junji Ito Maniac: Japanese Tales of the Macabre* na Netflix trouxe outra animada adaptação, com episódios baseados em várias histórias de Ito, incluindo *Tomie*. Ambas as adaptações tentaram capturar o estilo visual perturbador de Ito, com traços pesados e um design de personagens que busca emular o visual do mangá.

Apesar das várias críticas feitas pelo público acerca do uso de cores na obra de Ito, o lançamento das duas adaptações foi de grande sucesso e fiel aos mangás.



Figura 1



Figura 2

Thaís Flores argumenta que a adaptação não é uma simples reprodução do texto original, mas uma recriação que precisa lidar com diferentes códigos de linguagem. Enquanto o mangá de *Tomie* trabalha intensamente com a composição de quadros, detalhes gráficos grotescos e o impacto do horror visual estático, a animação se vale do movimento, do som e da trilha sonora para construir sua atmosfera de horror.

Na adaptação de *Tomie* dentro de *Junji Ito Collection*, há um esforço para manter elementos visuais icônicos da obra original, como os olhos hipnotizantes da personagem e suas transformações grotescas. No entanto, a animação precisa lidar com a dificuldade de traduzir a expressividade dos traços detalhados do mangá para o movimento fluido, o que pode resultar em uma experiência menos impactante em termos de horror visual, já que parte do encanto do estilo de Junji Ito está justamente no hiper-realismo perturbador de suas ilustrações.

As adaptações tentam capturar o estilo visual detalhado e perturbador dos traços de Junji Ito. A animação tenta reproduzir o rosto de Tomie como uma combinação de beleza e algo perturbador, com traços finos e uma expressão frequentemente ambígua que fica entre a sedução e o horror.



Figura 3



Figura 4

A animação também aproveita a capacidade de intensificar detalhes sutis, como os olhos e a expressão facial de Tomie, que, mesmo em momentos de quietude, transmite uma aura de ameaça e manipulação. Os cenários minimalistas e as cores pálidas reforçam essa atmosfera, embora sem o realismo das adaptações cinematográficas.

O branco é frequentemente usado para destacar o rosto e a aparência física de Tomie, em contraste com as sombras e os tons frios do ambiente ao redor. O tom pálido e fantasmagórico de sua pele é uma das poucas áreas de luminosidade nas animações, criando um contraste que acentua seu aspecto “sobrenatural”. Isso reforça a sensação de que Tomie é uma figura perturbadoramente bela e, ao mesmo tempo, ameaçadora.

Além disso, o uso de branco em seu rosto e nas roupas sugere uma pureza falsa ou uma inocência superficial que pode ser notada na figura 02, que é rapidamente quebrada conforme ela manipula aqueles ao seu redor. Esse contraste entre aparência e personalidade é uma das fontes de terror psicológico na narrativa, onde Tomie não é o que aparenta ser, e sua beleza esconde uma natureza profundamente destrutiva.



Figura 5



Figura 6

A transposição de um mangá de horror psicológico para a animação apresenta desafios. O horror de Ito é muito dependente do controle do ritmo visual e da tensão nos traços, elementos que são mais difíceis de traduzir em uma animação com movimento constante. No entanto, a animação oferece o benefício de adaptar cenas surreais e monstruosas da regeneração de Tomie com um controle maior sobre a estética do horror corporal, recriando a estranheza da personagem. Na figura 05 é possível observar que o Ito se utiliza muito do preto e traços finos que conseguem trazer intensidade, já na figura 06, adaptação feita em *Junji Ito Collection*, o preto bruto é retirado e o uso das cores traz uma nova atmosfera. O cenário fica mais suave, mas a cena consegue causar o mesmo impacto.

A animação, como visto nas figuras 04 e 06, permite uma abordagem fantástica da regeneração de Tomie, explorando suas habilidades de forma visualmente impactante, mas com menos limitações técnicas que o cinema *live-action*. Isso torna a animação uma boa escolha para o horror grotesco e não-realista de Junji Ito, que, apesar de estilizado, mantém a essência da obra original. Diferente do cinema *live-action*, que frequentemente enfrenta limitações técnicas e orçamentárias ao tentar reproduzir visualmente deformações corporais extremas ou atmosferas surreais, a animação oferece uma liberdade criativa praticamente ilimitada. Isso permite uma representação mais fiel e impactante das mutações, regenerações e distorções físicas que definem a essência perturbadora de *Tomie*.



Figura 7



Figura 8

As animações, como em *Junji Ito Collection* (2018) e *Junji Ito Maniac: Japanese Tales of the Macabre* (2023), utilizam tons frios e escuros, com prevalência de cinzas, azuis e verdes pálidos. Essa escolha de cores cria um ambiente que transmite solidão, inquietude e um toque sobrenatural, estabelecendo desde o início um clima opressor e desconfortável. O uso de cores frias reflete a natureza misteriosa e impassível de Tomie, uma personagem que permanece fria e calculista enquanto manipula e destrói aqueles ao seu redor.

Os tons sombrios também auxiliam na construção de uma atmosfera de suspense psicológico. Mesmo em cenas em que há luz, como em interiores escolares e ambientes urbanos, a paleta tende a manter esses tons frios e monocromáticos, o que reforça uma sensação

de distância e de uma realidade sutilmente distorcida, elementos comuns em narrativas de horror psicológico.



Figura 9



Figura 10

O vermelho é usado de forma estratégica em momentos de violência, morte ou renegação. A cor aparece frequentemente em contraste com o resto da paleta predominantemente fria, chamando atenção para as cenas de sangue e de mutilação, enfatizando o horror corporal que é característico da narrativa de *Tomie*. O vermelho intenso do sangue representa visualmente o ciclo de destruição e renascimento da personagem, funcionando como uma marca visual do grotesco e da natureza quase “indestrutível” de Tomie.

Em cenas de regeneração, em que Tomie renasce de pedaços de si mesma, o vermelho é particularmente impactante. A escolha dessa cor nessas cenas ajuda a intensificar o desconforto, destacando a transformação do corpo de maneira visceral e sugerindo que, para Tomie, a morte não é um limite, mas apenas uma condição temporária.



Figura 12

Figura 11

As animações de *Tomie* utilizam sombreado pesado e texturas que rendem ao estilo dos mangás, como visto na comparação entre as figuras 11 e 12, ajudando a preservar a sensação de profundidade e desconforto visual que o estilo de Ito cria. As sombras são aplicadas com cuidado para delinear as expressões faciais de Tomie, acentuando seu olhar ameaçador e a ambiguidade de suas expressões. Esses sombreados escuros são usados não apenas para criar cenas de tensão, como olhares penetrantes, sorrisos levemente distorcidos ou expressões de dor e agonia nos outros personagens.



Figura 13

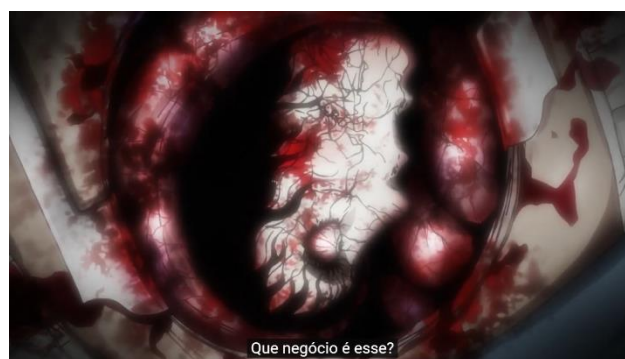


Figura 14



Figura 15



Figura 16

Tons de verde e azul acinzentado, em cenas específicas, são usados para transmitir a sensação de que há algo de “podre” ou “anônimo” no ambiente. Em várias cenas, especialmente naquelas em que Tomie está se aproximando de suas vítimas, as cores de fundo parecem se tornar mais frias e esverdeadas, criando uma aura de mal-estar que alerta o espectador para o perigo iminente. Essa escolha das cores azuis e verdes tem uma associação com a morte e o estado sobrenatural de Tomie, que parece ser imune aos limites humanos, aproximando-a mais de uma entidade assombrada e perversa do que de uma pessoa comum.

O uso de cores nas adaptações animadas de *Tomie* é central para transmitir a essência do horror psicológico e corporal de Junji Ito. A escolha dos tons estabelece um clima de inquietação, o vermelho intenso destaca o horror corporal e o grotesco, enquanto o branco e o contraste das sombras ajudam a caracterizar Tomie como uma presença sobrenatural, ao mesmo tempo bela e ameaçadora. As cores, portanto, funcionam como um recurso essencial para ampliar o impacto visual e psicológico, permitindo que as animações capturem a essência do mangá enquanto exploram novos meios para intensificar o terror.

As adaptações cinematográficas de *Tomie* tendem a explorar o lado mais psicológico e realista da personagem, com uma interpretação do horror que se alinha com o gênero de horror

psicológico japonês. O cinema permite a criação de uma atmosfera tensa e a construção de personagens secundários mais aprofundados, o que amplia o impacto da obsessão e da loucura causada pela presença de Tomie.

Desde a primeira adaptação, *Tomie* (1999), dirigida por Ataru Oikawa, a série de filmes ganhou várias sequências e reinterpretações que tentam capturar a essência da narrativa de Ito, focando no horror psicológico e corporal que envolve a figura de Tomie, uma mulher fatal sobrenaturalmente sedutora e destrutiva que renasce incessantemente após ser morta.

O primeiro filme é uma adaptação mais fiel à atmosfera dos mangás de Ito e estabelece o tom sombrio e introspectivo que marca a série cinematográfica. A trama segue o impacto que Tomie tem na vida das pessoas ao seu redor, especialmente em um jovem que acaba obcecado por ela. Esse filme dá o tom para o tratamento de Tomie como uma entidade que desafia os limites da morte, trazendo à tona um horror psicológico em que o medo e a sedução caminham lado a lado. Oikawa opta por uma abordagem lenta, em que o horror se manifesta gradualmente. Ele enfatiza a obsessão crescente dos personagens masculinos por Tomie, abordando a dinâmica de controle e manipulação emocional de forma a amplificar o terror psicológico. Com uma paleta visual sóbria e uma iluminação sombria, perceptível na cena da figura 18, o filme reflete o estilo de horror psicológico característico do *J-horror* dos anos 90, explorando o suspense mais do que o susto.



Figura 17



Figura 18

Tomie: Rebirth (2001) é uma das adaptações cinematográficas mais conhecidas do mangá e oferece um estudo rico para uma análise intersemiótica, ou seja, uma comparação dos elementos narrativos e estéticos transferidos do mangá para o filme. Essa adaptação, dirigida por Takashi Shimizu, conhecido também por seu trabalho em *Ju-On* (a franquia que deu origem a *The Grudge*), explora o horror psicológico e corporal de Tomie, mantendo as características da obra original, mas reinterpretando-as para o meio audiovisual.

O filme não segue à risca a estrutura dos capítulos do mangá, mas reorganiza os eventos para criar uma experiência mais imersiva no formato audiovisual. A narrativa cinematográfica intensifica a sensação de angústia ao utilizar *flashbacks*, cortes bruscos e uma montagem fragmentada para representar o caráter perturbador de Tomie. Isso exemplifica um dos princípios abordados por Thaís Flores, que destaca a necessidade de adaptar a estrutura da história ao novo meio semiótico, respeitando a lógica narrativa do cinema.

Nos mangás de *Tomie*, Junji Ito trabalha com o horror através de uma construção visual que permite ao leitor avançar na história ao seu próprio ritmo. O terror é frequentemente sugerido pelo contraste e pelos detalhes minuciosos nos traços, onde os momentos de suspense se constroem em cenas quase estáticas. Esse estilo gera um efeito de horror que é tanto visual quanto psicológico, permitindo ao leitor "pausar" sobre cenas particularmente grotescas e contemplar os detalhes.

No filme *Tomie: Rebirth*, o ritmo se adapta ao formato cinematográfico, usando o movimento e o som para intensificar o suspense e o horror corporal. Takashi Shimizu, conhecido por seu domínio do horror psicológico, faz uso de uma narrativa lenta e uma ambientação sombria, com foco em cenas de tensão crescente. Ao contrário do mangá, onde a leitura e a interpretação das cenas são mediadas pelo leitor, o filme guia o espectador através do horror de forma controlada, com cortes e enquadramentos que direcionam o olhar. Esse ritmo, apesar de diferente, mantém o impacto psicológico, onde o horror surge não só na presença de Tomie, mas também de sua influência destrutiva.



Figura 19



Figura 20

O filme *Tomie: Replay* (2000), dirigido por Tomijiro Mitsuishi é uma das adaptações mais emblemáticas da série cinematográfica inspirada no mangá *Tomie*, de Junji Ito. O longa captura a essência perturbadora da obra original, utilizando elementos cinematográficos para explorar o horror psicológico e corporal característico da narrativa. Um dos momentos mais icônicos e memoráveis é a cena de Tomie no aquário, que oferece um ponto de interseção fascinante entre o mangá e o filme, revelando como o horror é traduzido e reimaginado em diferentes mídias.

No mangá de Junji Ito, a imagem de Tomie associada à água, particularmente em aquários, é carregada de simbolismo. O aquário aparece como um lugar que reflete tanto sua beleza quanto sua monstruosidade, funcionando como uma metáfora para a fragilidade aparente de sua figura (preservada como algo belo e artificial) e a força destrutiva que ela realmente possui.

No filme, a cena do aquário é recriada com algumas diferenças narrativas e estilísticas. Aqui, Tomie é mantida como um espécime quase "preservado", em um tanque de vidro, numa tentativa de investigar sua natureza sobrenatural. Esse cenário amplia a metáfora do aquário no mangá, sugerindo não apenas sua beleza cativante, mas também a alienação e a objetificação que sua figura inspira nos outros.

A cinematografia da cena do aquário em *Tomie: Replay* utiliza enquadramentos fechados e ângulos baixos para enfatizar a aparência etérea e inquietante de Tomie dentro do

tanque. A câmera frequentemente alterna entre planos gerais, mostrando Tomie flutuando, e *close-ups* de seu rosto, que destacam sua expressão de serenidade inumana. Essa escolha cria uma dualidade visual: Tomie parece simultaneamente vulnerável (aprisionada) e ameaçadora (seu olhar transmite controle absoluto).

No mangá, a composição da cena no painel utiliza linhas detalhadas para mostrar o reflexo de Tomie no vidro do aquário e o contraste entre a transparência da água e a opacidade de sua figura. Esse efeito é traduzido no filme com o uso de reflexos e iluminação suave, que cria um ambiente onírico e desconfortável.

A interpretação de Tomie como um demônio pode ser vista como uma poderosa metáfora dos nossos medos mais profundos, um símbolo que transcende o simples horror para revelar as contradições e os impulsos reprimidos do ser humano. Ao adentrarmos essa perspectiva, percebemos que o demônio, na figura de Tomie, não é apenas um agente do mal, mas a personificação de um terror interior – o medo do desconhecido, do incontrolável e do inescapável.

No filme *Tomie Replay*, essa simbologia é explorada de forma intensa por meio de uma linguagem visual que enfatiza o grotesco e o sublime. Tomie é apresentada como uma presença inescapável, quase demoníaca, que retorna incessantemente, desafiando as tentativas dos personagens de escapar do seu destino. Essa regeneração contínua, reinterpretada no filme, funciona como uma metáfora para os medos eternos e a inevitabilidade de enfrentar as próprias sombras internas.

Além disso, o filme aprofunda a ideia de que o horror e a crueldade não são apenas fenômenos externos, mas reflexos das angústias internas. O filme reforça a noção de que nossos medos mais intensos – a perda de controle, a decadência moral, o colapso das identidades – estão intrinsecamente ligados à forma como percebemos o mundo e a nós mesmos. Antonin Artaud, em *O Teatro e Seu Duplo*, propõe uma compreensão radical da crueldade que ultrapassa os limites convencionais da violência física ou do sadismo. Para ele, a crueldade é uma força existencial fundamental, uma expressão da “necessidade implacável” e do “rigor cósmico” que sustentam a própria experiência da vida. Ele afirma:

Uso a palavra crueldade no sentido de apetite pela vida, de rigor cósmico e de necessidade implacável, no sentido gnóstico de turbilhão de vida que devora as trevas, no sentido da dor fora de cuja necessidade inelutável a vida não consegue se manter; o bem é desejado, é o resultado de um ato, o mal é permanente. (2006, p.119)

Essa visão de Artaud permite um aprofundamento crítico da relação entre horror, subjetividade e percepção. Em vez de tratar a crueldade como algo exclusivamente exterior ao sujeito, ele a localiza como parte integrante do existir – uma dor inevitável que atravessa a consciência, o corpo e a linguagem. É nesse sentido que o horror representado no cinema — particularmente em obras que lidam com o grotesco e o psicológico — deve ser compreendido não apenas como espetáculo, mas como espelho de impulsos internos e estados de crise subjetiva.



Figura 21

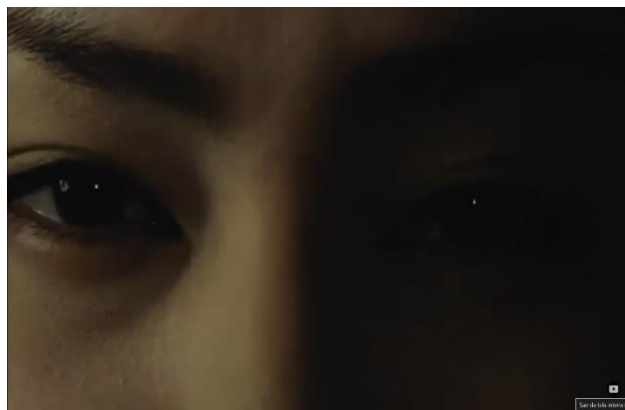


Figura 22



Figura 23

O filme *Tomie Unlimited* (2011), dirigido por Noboru Iguchi, é uma das interpretações mais viscerais e surreais da obra de Junji Ito. Este longa se destaca por levar a mitologia de Tomie a extremos grotescos, explorando sua forma inumana de maneira que intensifica os elementos visuais do horror corporal presentes no mangá. No longa, a história segue Tsukiko, cuja irmã mais velha, Tomie, volta à vida de forma inexplicável após morrer em um acidente. Ao longo do filme, a presença de Tomie catalisa um ciclo de obsessão, violência e horror, culminando em uma sequência final em que ela assume uma forma grotescamente inumana,

caracterizada pela fusão de múltiplos corpos e uma aparência que mistura carne e elementos de abjeção.

A forma inumana de Tomie no clímax do filme é construída com uma combinação de efeitos práticos, maquiagem grotesca e *CGI*³. Sua aparência é marcada por uma fusão de corpos, com rostos e membros emergindo de sua forma principal, aparência essa que dá para ser notada na figura 25, criando uma imagem de horror corporal que evoca tanto a estética do mangá quanto um pesadelo hiper-realista. O uso de texturas orgânicas, como carne exposta e pele deformada, contribui para a sensação de desconforto. Tons avermelhados e pútridos dominam a paleta visual da cena, destacando o caráter visceral da transformação. A forma monstruosa de Tomie é animada de forma errática, quase pulsante, o que reforça sua qualidade alienígena.



Figura 24



Figura 25

³ CGI é a abreviação de Computer Graphic Imagery, ou seja, Imagens Geradas por Computador. É uma técnica que utiliza computadores para criar imagens e efeitos visuais, frequentemente usados em filmes, animações, jogos e outras formas de mídia digital

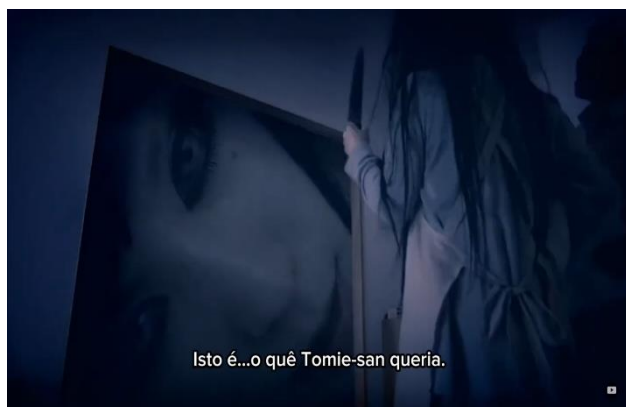


Figura 26



Figura 27

No mangá, Tomie é retratada como uma força sobrenatural, uma jovem de beleza hipnotizante que inspira obsessão, ciúme e violência, frequentemente culminando em eventos macabros envolvendo regeneração e mutilação corporal. *Forbidden Fruit* (2002) mantém esses elementos centrais, mas adota um tom mais introspectivo e emocional em comparação com o mangá, explorando a relação entre Tomie e a jovem protagonista, Mizuki. A relação entre ambas é construída de maneira a enfatizar a manipulação psicológica de Tomie, ampliando o terror do espectador ao mostrar como ela corrompe não só fisicamente, mas emocionalmente suas vítimas.

O filme, entretanto, suaviza parte da visceralidade gráfica do mangá, adaptando-a para um público mais amplo e trabalhando com limitações técnicas e orçamentárias. No entanto, elementos-chave, como a regeneração grotesca de Tomie e sua relação simbólica com a ideia de imortalidade e decadência, são preservados, especialmente em momentos como a infame cena da cabeça de Tomie sendo alimentada.

Essa cena, em que a cabeça desmembrada de Tomie exige ser alimentada por Mizuki, é um exemplo claro da estética da crueldade artaudiana. A imagem é perturbadora e visceral,

combinando elementos de degradação física e domínio psicológico. A crueldade aqui não reside apenas no ato grotesco em si, mas na tensão que ele cria: Mizuki, uma jovem vulnerável, é subjugada por uma entidade sobrenatural que parece personificar o desejo insaciável e o controle total. A cena captura o espírito do *Teatro da Crueldade* ao confrontar o espectador com algo visceral, forçando-o a refletir sobre os limites da humanidade e da submissão. Artaud afirma que: "Pode-se muito bem imaginar uma crueldade pura, sem dilaceramento carnal. E, aliás, filosoficamente falando, o que é a crueldade? Do ponto de vista do espírito, a crueldade significa rigor, aplicação e decisão implacáveis, determinação irreversível, absoluta." (2006, p.118)

No contexto da cena em análise, a crueldade se expressa pela perversão da relação de cuidado: Tomie, mesmo em um estado grotesco de mutilação, assume uma posição de comando absoluto sobre Mizuki. A jovem é colocada diante de uma escolha impossível, sendo forçada a alimentar uma entidade que desafia os limites da morte e da humanidade. A figura desmembrada de Tomie mantém um olhar e um tom de voz dominantes, impondo sua vontade com naturalidade monstruosa. Essa inversão de papéis (a vítima se torna agente do desejo do monstro) concretiza a crueldade artaudiana em sua forma mais refinada: não é apenas o corpo que sofre, mas a subjetividade que se fratura.

A submissão de Mizuki, portanto, não é meramente física; é existencial. Ela é confrontada com uma situação que desestabiliza suas noções de moralidade, livre-arbítrio e identidade. Ao ser obrigada a alimentar Tomie, ela cruza um limiar ético, participando da manutenção de algo que ela própria teme e repudia. Tal situação reflete a "decisão implacável" que Artaud associa à crueldade — um momento em que não há mais espaço para hesitação ou racionalização, e o sujeito é compelido a agir em um estado de suspensão da lógica.



Figura 28



Figura 29



Figura 30

De acordo com Artaud, o teatro deveria impactar o público de maneira visceral, explorando o corpo e os sentidos como veículos para romper com a apatia intelectual e emocional. Em *Tomie: Forbidden Fruit*, a cena da cabeça sendo alimentada é uma expressão dessa ideia, pois confronta o espectador com um ato que ultrapassa o aceitável, gerando repulsa, fascinação e desconforto simultaneamente. O filme se afasta das adaptações anteriores ao enfatizar uma abordagem mais psicológica e dramática da personagem Tomie. Enquanto o mangá de Junji Ito apresenta uma narrativa fragmentada e episódica, explorando a personagem como uma presença recorrente e quase mitológica, o filme constrói um enredo mais estruturado, focado na relação entre duas jovens – Tomie e a protagonista, Tomoko. Essa mudança narrativa exemplifica um dos principais desafios da tradução intersemiótica: a necessidade de adaptar não apenas a trama, mas a atmosfera e a essência simbólica da obra original para um novo meio.

Outro aspecto importante é a humanização de Tomie no filme. Enquanto no mangá ela frequentemente assume um papel quase sobrenatural e demoníaco, em *Forbidden Fruit*, há uma tentativa de torná-la mais próxima de uma jovem real, com desejos e motivações mais exploradas. Isso ressignifica sua figura dentro do horror, tornando-a mais ambígua e reforçando sua capacidade de sedução e manipulação – um elemento que já existia na obra original, mas que no filme é enfatizado de maneira mais dramática.

O filme, embora menos gráfico que o mangá, traduz com eficiência os elementos de horror psicológico e corporal que conectam Junji Ito ao *Teatro da Crueldade*. A cena da cabeça sendo alimentada é um ponto culminante dessa interseção.

2.3 TOMIE É O DESASTRE DA SUA PRÓPRIA HISTÓRIA

Tomie, como personagem, representa um paradoxo: ela é ao mesmo tempo a força motriz de sua narrativa e o agente do colapso inevitável dela. Essa característica faz com que ela seja o desastre de sua própria história, funcionando como um catalisador que atrai obsessão, destruição e caos.

A personagem, não é apenas uma vítima ou antagonista tradicional; ela é uma força incontrolável que provoca ruína onde quer que vá. Sua beleza sobrenatural e carisma magnético inspiram desejo extremo, mas esses sentimentos rapidamente se transformam em ódio, violência e loucura em quem se aproxima dela. Tomie literalmente se regenera e retorna,

perpetuando um ciclo de destruição que jamais encontra resolução. Assim, ela carrega dentro de si o desastre, tanto para os outros quanto para si mesma.

Num trecho retirado do livro *Para acabar de vez com o juízo de Deus*, Artaud coloca que:

O corpo humano é uma pilha elétrica, cujas cargas foram reprimidas e castradas, cujas aptidões e tendências foram orientadas para a vida sexual quando ele afinal foi feito para absorver, mercê dos seus deslocamentos voltaicos, todas as disponibilidades errantes, do infinito do vácuo, dos buracos de vácuo, cada vez mais incomensuráveis, de uma capacidade orgânica inesgotável. (1947, p.54)

A citação de Antonin Artaud sobre o corpo humano como uma "pilha elétrica" reprimida e castrada dialoga profundamente com a personagem Tomie, de Junji Ito. Tomie é um ser que transcende a própria humanidade, mas, paradoxalmente, está presa a um ciclo interminável de destruição e regeneração. Assim como Artaud sugere que o corpo deveria estar livre para absorver forças errantes do vácuo, Tomie encarna essa energia descontrolada — uma presença magnética que desafia os limites da vida e da morte.

No entanto, essa energia vital de Tomie é também sua maldição. Seu poder de regeneração infinita não a liberta, mas a condena a ser um desastre constante de sua própria existência. Ela não pode morrer, mas tampouco pode viver plenamente, pois é sempre vítima da obsessão que inspira nos outros, da violência que provoca e da fragmentação de sua própria identidade.

Artaud via o corpo como um organismo sufocado por normas e repressões, incapaz de exercer seu verdadeiro potencial. Tomie, por outro lado, é um corpo que se recusa a ser contido — multiplicando-se, renascendo, espalhando sua essência de maneira incontrollável. Mas, no fim, essa liberdade extrema a prende em um ciclo de destruição, tornando-a um reflexo trágico da ideia de um corpo que deveria ser ilimitado, mas que, ao invés disso, se torna seu próprio inferno.

Essa característica a torna o desastre literal de sua própria história porque ela nunca pode escapar de sua essência predatória. Diferente de uma protagonista ou antagonista que aprende, evolui ou triunfa, Tomie é estática em sua maldição: ela é a origem do desejo e da destruição, e essa dinâmica se repete sem fim. Ela é incapaz de quebrar o ciclo.

Artaud via o corpo como o principal veículo para a crueldade, um espaço onde o sofrimento e a transcendência coexistem. No caso de Tomie, seu corpo é o local onde o desastre

se manifesta de forma mais explícita. A regeneração constante – em que partes mutiladas de seu corpo crescem para formar novas versões dela – é ao mesmo tempo grotesca e fascinante.

Essa regeneração, embora simbolize seu poder, é também sua maldição. Ela nunca pode escapar de seu corpo nem transcender sua própria natureza. Cada vez que renasce, ela volta ao mesmo ciclo de manipulação e destruição, sendo incapaz de mudar ou se libertar. Assim, seu corpo se torna a personificação da crueldade: algo que não pode ser destruído, mas que também não encontra paz.

A estética da crueldade é simbolizada de forma extrema nas cenas de mutilação e regeneração de Tomie. Sua destruição é sempre brutal: ela é morta por amantes enlouquecidos, cortada em pedaços, queimada ou decomposta. No entanto, em vez de encontrar fim, essas mutilações são o prelúdio de sua regeneração grotesca.

Essa dinâmica evoca o *Teatro da Crueldade* ao confrontar o espectador com imagens que desafiam a lógica e os limites da tolerância: corpos fragmentados que recusam morrer, deformações que sugerem uma beleza horrível e regenerações que transformam a vida em um ciclo interminável de sofrimento. A própria existência de Tomie é uma cena da crueldade que se repete eternamente, um espetáculo do corpo desmembrado que nunca se resolve.

Rosset em *O real e seu duplo* (1976) afirma que: “o duplo não é outra coisa senão uma recriação ilusória da realidade, uma tentativa de neutralizar a força do real através de uma cópia”. Tomie, com sua capacidade de regeneração e multiplicação, é uma personificação desse conceito. Cada vez que ela renasce, não apenas desafia a mortalidade humana, mas também a ideia de identidade singular. Sua existência coloca em questão os limites entre o real e o irreal, ao mesmo tempo que transforma essa duplicidade em uma fonte de horror.

Essa ideia de recriação ilusória aparece em *Tomie* de forma visceral: suas versões múltiplas convivem, competem e até se destroem mutuamente. Isso reflete a violência intrínseca do conceito de duplo em Rosset, onde a coexistência da cópia com o original gera conflito e caos.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Tomie* de Junji Ito, ao refletir sobre a crueldade humana por meio de sua narrativa e construção simbólica, estabelece uma complexa intersecção entre o horror e a metáfora social. Ao longo desta pesquisa, ficou evidente que a protagonista, Tomie Kawakami, transcende os limites da narrativa de horror convencional, personificando uma fusão entre os aspectos mais sombrios da psique humana e as dinâmicas sociais enraizadas no machismo, obsessão e violência.

Ao aplicar os conceitos de estética da crueldade de Antonin Artaud e a filosofia de Clément Rosset, percebemos que Tomie opera como um reflexo das contradições e ansiedades humanas. Sua capacidade de regeneração não é apenas uma expressão literal de sua imortalidade, mas também uma metáfora para a repetição compulsiva de desejos e violências que compõem o tecido das relações humanas. Tomie não é apenas o "monstro" que aterroriza seus perseguidores, mas também o espelho que expõe suas fragilidades, impulsos destrutivos e a busca incessante por controle.

Ao ser continuamente objeto de obsessão e violência, Tomie desafia a percepção de gênero, destacando a posição vulnerável e ao mesmo tempo poderosa que a figura feminina pode assumir em narrativas construídas sob lentes patriarcais. Ela é, ao mesmo tempo, vítima e perpetradora, trazendo à tona a interdependência entre desejo e crueldade que permeia a obra.

Por fim, os elementos visuais e narrativos de *Tomie* reforçam o compromisso de Junji Ito em desestabilizar o leitor, utilizando o grotesco e o absurdo para expor os traços mais perturbadores da humanidade. Essa abordagem dialoga profundamente com a ideia de Artaud de provocar o receptor com experiências viscerais e impactantes, rompendo com as convenções estéticas. Assim, *Tomie* se torna não apenas uma obra de horror, mas também uma exploração filosófica e cultural, demonstrando a capacidade do mangá de transcender gêneros e provocar reflexões profundas sobre o que significa ser humano.

REFERÊNCIAS

ARTAUD, Antonin. O Teatro e Seu Duplo. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BATAILLE, Georges. Literatura e o Mal. Nova Iorque: City Lights Books, 1949.

BATAILLE, Georges. O erotismo. [S.l.]: L&PM Editores S/A, 1987. 260 p.

FLORES NOGUEIRA DINIZ, Thaís. Literatura e cinema: da semiótica à tradução. Ouro Preto - MG: Editora UFOP, 1999. 190 p.

FLORES NOGUEIRA DINIZ, Thaís. Literatura e cinema: tradução, hipertextualidade, reciclagem. Belo Horizonte: Faculdade de Letras do UFMG, 2005.

ITO, Junji. Tomie. [Japão: s.n.], 1987-2000. v. 1 e 2.

JUNJI ITO COLLECTION. Direção: Makoto Hojo, Kana Sasaki, Hideyuki Saida, Keiichi Hosoji. [S.l.: s.n.], 2018. Disponível em: https://www.crunchyroll.com/pt-br/series/G68V4NDJ6/junji-ito-collection?srsId=AfmBOooMBmFdTi_dhl61Xq4vWRw1TYtT7j_6uRrRiLKyaUmRLaIYaZWv. Acesso em: 1 nov. 2024.

JUNJI ITO: HISTÓRIAS MACABRAS DO JAPÃO. Direção: Kaoru Sawada. Produção: Junji Ito, Studio Deen. [S.l.: s.n.], 2023. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/81295011>. Acesso em: 5 nov. 2024.

ROSSET, Clément. O Princípio de Crueldade. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

SILVA, J. P. d'Antony C. Um jogo poético na tradução intersemiótica: quando o cinema pensa. 2019.

TOMIE (1998). Filme de terror japonês legendado. Direção: Ataru Oikawa. [S.l.: s.n.], 1998. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S0MqU4JZdww>. Acesso em: 16 nov. 2024.

TOMIE: REPLAY (2000). Filme de terror japonês legendado. Direção: Tomijiro Mitsuishi. [S.l.: s.n.], 2000. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YDz66ha7qY8&t=354s>. Acesso em: 16 nov. 2024.

TOMIE: REBIRTH (2001). Filme de terror japonês legendado. Direção: Takashi Shimizu. [S.l.: s.n.], 2001. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7zdVO8Ea1x0&t=3375s>. Acesso em: 16 nov. 2024.

TOMIE: FORBIDDEN FRUIT (2002). Filme de terror japonês legendado. Direção: Shun Nakahara. [S.l.: s.n.], 2002. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TNcRk1KT6jg&t=3732s>. Acesso em: 16 nov. 2024.

TOMIE: UNLIMITED (2011). Filme de terror japonês legendado. Direção: Noboru Iguchi. [S.l.: s.n.], 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z9ryhRvmvko>. Acesso em: 16 nov. 2024.